

# humanitas

**Vol. XLVIII**

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLVIII • MCMXCVI



JOSÉ LUÍS LOPES BRANDÃO

Universidade de Coimbra

## O ROMANCE DE CÁRITE:

### UMA TRAGÉDIA EM QUATRO ACTOS\*

... adeoque obnoxiae sumus sortis, ut  
ipsa pro deo sit qua deus probatur incertus.

PLÍNIO, *N.H.* 2.22.

### PRÓLOGO

Um terror paira no ar, um mistério insondável que deixa o homem paralisado, impotente para gerir os acontecimentos que determinam a sua existência. Uma entidade gerada dos medos individuais torna-se uma terrível consciência colectiva, uma força para além do homem, até se transformar numa paravidvidade cujos procedimentos arbitrários não conhecem a benevolência ou a justiça divinas. É a Fortuna cega em todo o seu poder. É ela a geradora de um destino trágico (porque terrivelmente incerto) que está pendente sobre cada vida humana. O medo supremo resulta da constante ameaça da morte. Iludido pela aparência de alguma capacidade de lhe fazer frente, o homem luta pela sua felicidade, para depois ter de reconhecer amargamente que correu em vão e que tudo não passou de um jogo do destino.<sup>1</sup>

À tragédia de Lúcio vem juntar-se o destino de Cárite: duas almas unidas pela constante ameaça de morte e pelo esforço em superar a situação presente, e separadas pela incapacidade de comunicação uma com a outra.

---

\* Aqui deixo expresso o meu agradecimento ao Doutor Walter de Medeiros pela sua amabilidade em rever o texto e pelas oportunas sugestões relativas à tradução dos passos citados. Incorreções que porventura subsistam são da minha inteira responsabilidade.

<sup>1</sup> Sobre o *lusus Fortunae mirabilis*, cf. DELFIM LEÃO, *As ironias da Fortuna. Sátira e moralidade no Satyricon de Petrónio* (dissertação de mestrado polic.), F. L. U. C., Coimbra 1995, 89-91.

Dois mensageiros terão a ingrata tarefa de comunicar que o destino atroz caiu, uma vez sobre Lúcio (7.1), outra vez sobre Cáríte (8.1). O primeiro chega de madrugada e traz notícias que, para Lúcio, contrastam com brilho do sol que nasce, mas que, para Cáríte, são a esperança de libertação. O segundo aparecerá nas trevas da noite, com notícias ainda mais negras acerca da jovem, sobre quem ainda há pouco brilhava um raio de promissora e merecida felicidade.

## ACTO PRIMEIRO

### **História de um rapto** (*As. aur.* 4. 23-27)

Estava Lúcio, metamorfoseado em burro, na caverna dos ladrões, quando a quadrilha chegou com uma presa especial: uma donzela de aspecto nobre e distinto, *concupiscenda* (4. 23) até para o burro que Lúcio era. Tratava-se de um rapto, na mira de opulento resgate.

A rapariga, entregue aos cuidados de uma velha, chorava inconsolável. Se adormecia vencida pelo cansaço, era para logo acordar banhada em pranto e acesa em delírio.

Já irritada, a velha perguntou-lhe a razão destes lamentos tão destemperados, ameaçou-a com uma morte cruel. Foi então que a donzela começou a narrar a história do seu infortúnio. O desgosto que mais chorava era ter perdido o seu noivo, por ela descrito como um verdadeiro príncipe encantado:

*Speciosus adulescens, inter suos principalis, quem filium publicum omnis sibi ciuitas cooptauit, meus alioquin consobrinus, tantulo triennio maior in aetate* (4.26).

É um formoso rapaz, o primeiro entre os da sua idade, a quem toda a cidade adoptou oficialmente como filho; além disso, é meu primo direito, somente três anos mais velho do que eu.

Era realmente um bom partido e, como muitas vezes acontecia nas sociedades primitivas e nas castas nobres, parente próximo da noiva.

Mas, continua a donzela, (...) *Sic ad instar Attidis uel Protesilae dispectae disturbataque nuptiae* (4. 26).

À semelhança de Átis, o pastor frígio cujas bodas foram bruscamente interrompidas por Agdístis apaixonada, ou Protesilau, que marchou para Tróia antes de cumprir todos os rituais do casamento, a rapariga viu a sua boda destroçada pela irrupção da quadrilha e pelo rapto. A agravar o seu

desespero, vem um sonho pressago, no qual vê o marido ser morto por um dos ladrões, quando os perseguiu. A velha, levada pela compaixão — *Tunc fletibus eius adsuspirans anus*. (4. 27)—, tenta consolá-la com uma verdadeira teoria sobre os sonhos:

*Nam praeter quod diurnae quietis imagines falsae perhibentur, tunc etiam nocturnae uisiones contrarios euentus nonnumquam pronuntiant. Denique flere et uapulare et nonnumquam iugulari lucrosum prosperumque prouentum nuntiant, contra ridere et mellitis dulciolis uentrem saginare uel in uoluptatem ueneriam conuenire tristitie animi langore corporis damnisque ceteris uexatum iri praedicabunt...*(4. 27).

Se as visões do sono diurno são consideradas falsas, com maior razão as visões nocturnas pressagiam por vezes resultados contrários. Portanto chorar, ser açoitado e às vezes ser degolado anunciam um resultado proveitoso e próspero; pelo contrário, rir, encher a barriga de doces e guloseimas ou entregar-se aos prazeres de Vénus, significará que te hão-de atormentar a tristeza, a enfermidade e outras desgraças.

Em seguida, para distrair a donzela, a velha começa a contar-lhe a história de Amor e Psique, uma história com um fim feliz e um exemplo de ironia trágica, como se verificará pelo desenrolar dos acontecimentos.<sup>2</sup>

## ACTO SEGUNDO

### **Incapacidade humana para determinar os acontecimentos (6. 25-32)**

Terminada a história de Amor e Psique, Lúcio, transformado em burro, lamenta-se de não ter à mão tabuinhas e estilete para tomar nota de *tam bella fabella*.

Entretanto, chegam os ladrões carregados com a presa dos seus roubos. Depois de tratarem dos feridos e engolir precipitadamente uma rápida refeição, partem de novo, desta vez com o burro e o cavalo, para trazerem o resto da carga que ficara numa cova. A lentidão dos animais e a debilidade do asno irritavam o ânimo impetuoso dos salteadores. Além

---

<sup>2</sup> A história de Cárite constitui uma versão tragicamente humana do arquétipo que é a história de Psique: Nicole FICK-MICHEL, *Art et mystique dans les "Metamorphoses" d' Apulée*, Annales Littéraires de l' Université de Franche-Comté, Paris, 1991, 141.

disso, começavam a associar uma série de infortúnios à presença daquele *ruptus asellus* que entrara em casa deles *pessumo pede*. Enquanto discutiam acerca da morte a dar ao burro, chegaram à caverna, porque como diz Lúcio:

*Nam timor ungulas mihi alas fecerat* (6. 26).

É que o medo tinha convertido em asas os meus cascos.

Quando os ladrões saíram de novo para ir buscar o resto da sua presa, Lúcio, inquieto, decidiu pôr-se em fuga. A velha, sempre alerta, agarrou-se desesperadamente à correia do animal e foi tal o espectáculo que Lúcio o comparou a Dirce, esposa do rei Lico de Tebas, atada aos chifres de um touro: só que desta vez era uma Dirce velha atada a um burro. Atraída pelo alarido, a jovem cativa acorre e, decidida, arranca a correia das mãos da velha, salta para o dorso do animal e foge com ele.

Lúcio ia exuberante por levar em cima tal cavaleiro, esforçava-se por dirigir à donzela delicados zurros (*delicatae uocuculae*) e dava largas à sua emoção espontânea:

*Sed et scabendi dorsi mei simulatione nonnumquam obliquata ceruice pedes decoros puellae basiabam* (6. 28).

Enquanto fingia coçar as costas, com o pescoço dobrado, beijava os delicados pés da donzela.

Depois desta curiosa reacção do burro (que para uns é manifestação de sensualidade, para outros homenagem a Cáríte-Ísis),<sup>3</sup> segue-se um longo monólogo em que a rapariga pede ajuda aos deuses e promete compensar o seu salvador com muitas honras e com um ex-voto, no átrio de sua casa, a relembrar a proeza:

*Asino uectore uirgo regia fugiens captiuitatem* (6. 29).

A jovem princesa que foge do cativo levado por um burro.

Depois de evocar, por comparação, os *antiqua miracula*, a lenda de Frixo, filho de Atamante, que foi salvo do sacrifício, imposto por seu pai, por intermédio de um carneiro enviado por Zeus; de Aríon, que escapou à morte cavalgando um golfinho, atraído pelo som da sua cítara, e de Europa

---

<sup>3</sup> Cf. M. G. PALMA GRANWEHR, *Apuleius' "Metamorphoses": a study on structure* (tese polic.), Iowa, University, 1994, 108-109.

que viajou, da Ásia para Creta, montada em Zeus transformado em touro, termina com uma observação tristemente irónica para o infeliz Lúcio:

*Quodsi uere Iupiter mugiu in boue, potest in asino meo latere aliqui uel uultus hominis uel facies deorum* ( 6. 29)

Se na realidade Júpiter mugiu em figura de touro, é também possível que se oculte, no meu burro, a forma de um homem ou a face de um deus.

Ao chegar a uma encruzilhada, a jovem quis dirigir o animal pelo caminho que levava a casa de seus pais, mas Lúcio, sabendo que por ali iriam encontrar os ladrões (ele já tinha feito aquele percurso quando foram buscar a primeira carga do produto do roubo), queria ir por outro caminho.

Estavam nas delongas deste mudo desencontro, quando regressaram os ladrões e os reconduziram à caverna, junto à qual encontraram a velha enforcada num cipreste. Enquanto comiam *auida uoracitate*, começaram a deliberar acerca da sorte do burro e da rapariga. Ficou decidido que o burro seria morto, estripado e cosido, depois de dentro dele ser encerrada a donzela só com o rosto de fora: seria assim exposta a uma morte lenta e hedionda, à medida que se processasse a decomposição do animal.

Neste momento tudo parece estar perdido, tanto para Lúcio, como para a jovem cativa...

### ACTO TERCEIRO

#### Alegria da salvação inesperada (7. 1-14).

*Vt primum tenebris abiectis dies inalbebat et candidum solis curriculum cuncta conlustrabat*, eis que chega um elemento do bando e que traz novidades. Contou que, em Hípata, se culpava do roubo da casa de Milão um tal Lúcio, que se teria feito passar por homem honesto e ganhara as boas graças do dono da casa.

Lúcio, ao ouvir tais informações com as suas orelhas de burro, ficou a reflectir nas ciladas da Fortuna cega:

*Haec eo narrante ueteris Fortunae et illius beati Lucii praesentisque aerumnae et infelicis asini facta comparatione medullitus ingemebam subibatque me non de nihilo ueteris priscaequae doctrinae uiros finxisse ac pronuntiasse caecam et prorsus exoculatam esse Fortunam, quae semper suas opes ad malos et indignos conferat nec unquam iudicio quemquam mortalium eligat, immo uero cum is potissimum deuersetur quos procul, si*

*uideret, fugere deberet, quodque cunctis est extremis uarias opiniones, immo contrarias nobis attribuat, ut et malus boni uiri fama gloriatur et innocentissimus contra noxiorum more plectatur (7. 2).*

Enquanto ele narrava, eu, ao comparar a Fortuna de outrora e aquele Lúcio feliz com os sofrimentos presentes e o infeliz asno que agora era, gemia profundamente e ocorria-me pensar que não foi sem razão que os velhos sábios de tempos recuados imaginaram e representaram a Fortuna cega e totalmente privada de olhos, uma vez que reserva sempre os seus favores para os maus e indignos e nunca elege um dos mortais com base num justo juízo. Pelo contrário, prefere a companhia daqueles que, se pudesse ver, de longe deveria evitar. O pior de tudo é que distribui entre nós a reputação de forma tão incerta, ou melhor, tão equívoca, que o mau se vangloria de ter a fama de um homem honrado e o mais inocente, pelo contrário, é castigado como um criminoso.

O típico desconcerto do mundo!

E ali estava Lúcio inocente, acusado de um crime nefando contra a hospitalidade que Milão lhe oferecera. Indignado, quis dizer *Non feci!* — mas a voz do animal prevalecia sobre a humana: só conseguia repetir - *non! non!*

Lúcio encerrado na pele do burro é o protótipo do homem impotente para determinar os acontecimentos.

Entretanto, o mensageiro de tais novidades começou a falar da necessidade de recrutar novos elementos para o bando. Ele próprio tomara a iniciativa de trazer consigo um jovem forte, que, a julgar pela aparência, devia dar um bom ladrão. Ao entrar na caverna, o novo recruta apresenta-se como um tal *Haemus* da Trácia, que de resto tomara o nome duma lendária montanha daquela região.<sup>4</sup> Dizia-se também filho de *Theron*, *latro inclitus*.

De seguida conta a história verosímil da fiel Plotina, a causa do desbaratamento do seu antigo bando. Ele escapara miraculosamente vestido de mulher e montado num burro, o que, neste romance, é uma estratégia muito usada para se fugir. Para convencer os ladrões, oferece desde logo um dote de duas mil moedas de ouro, produto do seu trabalho de mãos, ao mesmo tempo que se autopropõe para chefe da quadrilha. É imediatamente aceite por todos os elementos do bando.

A conversa derivou para a fuga da donzela montada no burro e para a monstruosa morte que lhes estava destinada. O novo chefe achava que os

---

<sup>4</sup> Cf. HIJMANS Jr., "Apuleiana Groningana V. Haemus, the bloody brigand": *Mnemosyne* 34 (1979) 407-414. O nome tem uma explicação complexa, já que evoca também a palavra 'sangue' (*haima*) e até a parte final do verdadeiro nome do jovem salvador (*Tlepól-emo*).

ladrões, se tinham consciência do seu ofício, não deviam antepor nada ao lucro, nem mesmo a satisfação de uma legítima vingança. Portanto, para ele, era preferível vender a rapariga como prostituta. A proposta, depois de discutida, foi aceite e Lúcio/burro reparou com indignação que a prisioneira dava sinais de viva alegria. As mulheres são todas iguais, pensou ele.

*Et tunc quidem totarum mulierum secta moresque de asini pendebant iudicio* (7. 10).

Naquele momento, todo o sexo feminino e sua moralidade dependiam do juízo de um burro.

O jovem chefe propõe um festim em honra de Marte e um grupo de dez homens, comandados pelo próprio Hemo, assalta um povoado para trazer vinho e um rebanho do qual seleccionam um bode para imolar *Marti Secutori Comitique* (7.11).

Enquanto a quadrilha se banqueteava, o chefe ia constantemente ver a cativa, levava-lhe de comer e beber e, para indignação de Lúcio, ela não se fazia rogada aos beijos que ele lhe dava.

No meio da conversa e sem se preocupar com a presença do burro, Hemo disse-lhe:

*Bono animo es, (...) Charite dulcissima, nam totos istos hostes tuos statim captiuos habebis* (7. 12).

Tem coragem, (...) minha dulcíssima Cárite, pois dentro em pouco terás cativos todos estes teus inimigos.

Só nesta altura é revelado o nome da *regia puella uirgo*. À semelhança de Ulisses, que não tinha identidade enquanto estava na caverna do Ciclope, também Cárite, na caverna dos ladrões, está privada do seu nome; a sua identidade só é revelada quando o falso Hemo a liberta do cativo. Esta atribuição de um nome à rapariga é acompanhada da revelação do verdadeiro nome do novo elemento do bando: o falso Hemo afinal é o verdadeiro Tlepólemo, o noivo de Cárite. Tanto ele como ela, só são eles mesmos em presença um do outro e deixam de o ser quando se separam: estão fatalmente ligados para a vida e para a morte. Um exemplo da fusão neoplatónica do amante e amada.

O plano de Tlepólemo, para neutralizar os ladrões, assemelha-se ao de Ulisses no livro VI da *Odisseia* : ao dar o vinho aos ladrões como pretexto de um sacrifício à divindade protectora, Marte — *supplicatum Marti comiti pergimus (...) pecus sacrificatui ac ne unum* (...) (7. 10) —, repete a estratégia de Ulisses a levar o vinho a Polifemo como libação. Finalmente, assim

como Ulisses cega o pastor Polifemo embriagado, também Tlepólemo amarra os ladrões, que *omnes uino sepulti iacebant, omnes pariter mortui* (7. 12).<sup>5</sup>

Depois desta odisseica experiência, o casal e o burro partem felizes para casa. Esperava-os uma boa recepção e, como subtilmente comenta Lúcio:

.....*et hercules memorandum spectamen, uirginem asino triumphantem*  
(7. 13)

... e o espectáculo era digno de ser recordado: uma virgem levada em triunfo sobre um burro.

Espectáculos como este só em cortejos de Ísis. Será isto um bom augúrio para a donzela? Ou para o burro? É o que a seguir veremos.

Lúcio é reconduzido de bom grado à caverna dos ladrões: estava curioso e queria saborear a captura do bando. Uns foram lançados de um precipício, outros foram abandonados, depois de terem sido degolados com as suas próprias espadas.

A recém-casada procura, a partir dali, manifestar a sua gratidão ao burro salvador. Ficou decidido que seria levado para os campos, para correr livremente e se cruzar com as éguas.

Quanto aos noivos, tudo indica que viveriam dias felizes...

## ACTO QUARTO

### Desenlace trágico sob os golpes da Fortuna cega (8. 1-14)

Nos dez primeiros livros das *Metamorfoses*, a felicidade é transitória, a cada passo se encontram novos infortúnios. Depois de um dia luminoso, sobrevêm as mais densas trevas. Cáríte não é excepção; já teve um triunfo; voltou para o marido; reúne todas as condições para ser venturosa; merece toda a felicidade, mas a Fortuna é cega.

Entra em cena o mensageiro. É na hora das trevas que ele chega — *noctis gallicinio uenit iuuenis e proxima ciuitate* (8.1)—, com terríveis notícias da casa dos seus amos.

Para que todos conheçam o desenrolar dos acontecimentos, o mensageiro vai contar os factos (*quae gesta sunt*) desde o princípio (*a capite*)

---

<sup>5</sup> Cf. FRAGOULIDIS, "Charite dulcissima: a note on the nameless Charite at Apuleius' *Metamorphoses* 7. 12(163.10)": *Mnemosyne* 44 (1991) 387-390.

para que aqueles a quem a fortuna concedeu o dom do estilo (*quibus stilos fortuna subministrat*), os ponham por escrito como uma história modelo (*in historiae specimen chartis inuoluere*).

Conta ele que havia na cidade vizinha um jovem nobre de nascimento e com uma boa posição económica, mas dado à devassidão das tabernas e meretrizes, mesmo à luz do dia — *sed luxuria popinalis scortisque et diurnis potationibus exercitatus...*(8.1). Mantinha uma nociva cumplicidade com quadrilhas de ladrões e inclusive as suas mãos não estavam limpas de sangue humano. Este jovem, de nome Trasilo, fora um dos principais pretendentes de Cárite, mas a sua conduta fez com que fosse rejeitado. Depois que ela se casou com Tlepólemo, Trasilo, dissimulando o seu amor ferido, esperava a possibilidade de levar a cabo um sangrento crime — *cruento facinori quaerebat accessum*.

Quando Cárite foi libertada do cativeiro dos ladrões, mostrou muita alegria e tornou-se tão solícito que acabou por ser acolhido na intimidade dos esposos. A sua paixão, da qual ninguém suspeitava agora, ia aumentando de dia para dia.

O mensageiro faz aqui uma pausa para breve reflexão, acaso motivada por uma experiência pessoal:

*Quidni, cum flamma saeui amoris parua quidem primo uapore delectat, sed fomentis consuetudinis exaestuans immodicis ardoribus totos amburat homines?* (8. 2)

E porque não, se a chama do cruel amor, a princípio débil, nos deleita com o seu primeiro calor, mas, fomentada pelo hábito, se eleva num incêndio descontrolado e abrasa todos os homens?

O fruto proibido é o mais apetecido. Trasilo, no ardor do seu desejo, vive um verdadeiro suplício de Tântalo: não suportava ver, por mais tempo, Cárite tão perto e ao mesmo tempo tão distante. Por isso, ouvintes, (...) *spectate denique, sed, oro, sollicitis animis intendite, quorsum furiosae libidinis proruperint impetus* (8. 3).

(...) esperem, pois, peço-lhes que escutem, com a maior atenção, até onde pode levar o ímpeto de um louco desejo.

Certo dia, Tlepólemo e Trasilo saíram para caçar. De um covil saiu um feroz javali que arremeteu contra os cães. Tlepólemo hesitou, pois Cárite não permitia que o marido perseguisse feras armadas de dentes ou cornos — *nec enim Charite maritum suum quaerere patiebatur bestias armatas dente uel cornu* (8. 4)—, mas Trasilo incita-o a não deixar escapar *tam opimam praedam*.

No ardor da luta com o javali, Trasilo corta os jarretes traseiros do cavalo de Tlepólemo, que vem a terra, deixa o jovem, qual Adónis, à mercê do javali, e, por fim, ainda lhe dá o "golpe de misericórdia" com uma estocada de lança. Embora estivesse satisfeito, o assassino finge enorme tristeza. Só as lágrimas é que não quiseram brotar —*sed solae lacrimae procedere noluerunt*. (8. 6)—, como argutamente nota o servo mensageiro. No entanto, mais tarde, no cortejo fúnebre, verte tantas lágrimas que chega a enganar a própria Verdade —*...Veritatem ipsam fallere* (8. 7)—, enquanto aproveita para acariciar disfarçadamente a infeliz viúva —*studium contrectandae mulieris* (8. 7).

Cárite só procura a morte e, "escondida nas mais profundas trevas, despedira-se já da luz" —*...tenebris imis obscondita iam cum luce transegerat* (8. 7)—, mas, à força das súplicas de Trasilo e dos pais, acaba por recobrar ânimo e aceitar as obrigações da existência, como lhe era ordenado —*...ut iubebatur uiuentium munia*.

Fez então representar o marido sob os traços do deus Líber, ou seja, Dioniso, para lhe prestar culto e

*ipso se solacio cruciabat* (8. 7)

atormentava-se com aquilo que era a sua própria consolação.

Porquê o *habitus dei Liber*? Talvez Cárite achasse que Tlepólemo, pelo seu aspecto e conduta, assumia os traços de Dioniso. Por exemplo, Tlepólemo disfarça-se de Hemo e Dioniso também aparece disfarçado em várias referências literárias: Tlepólemo/Hemo diz que se vestiu de mulher para escapar aos soldados (*assumpta veste muliebri florida* 7. 8); Dioniso é vestido de mulher para escapar à cólera de Hera ciumenta e é muitas vezes representado com traços efeminados. O esposo de Cárite é imberbe (*depiles genae* 7. 8) e, para a libertar, serve-se do vinho, atributo daquele deus.<sup>6</sup> Além disso, Cárite, ao tomar conhecimento da morte do marido, corre como uma bacante em delírio (*...cursuque bacchata furibundo* 8. 6).

A jovem viúva de Tlepólemo, que atrás compara a destruição da sua boda pelos ladrões com o que acontecera a Protesilau, assume agora o papel de Laodamia, esposa daquele herói, morto ao desembarcar em Tróia. Com efeito, ao saber da morte de Protesilau, Laodamia fez um boneco de cera (imagem e substituto do defunto marido), que costumava abraçar

---

<sup>6</sup> Cf. HIJMANS Jr. "Charite worships Tlepolemus-Liber": *Mnemosyne* 38 (1986) 355-356. Segundo Nicole FICK-MICHEL, op. cit. 231-235, Apuleio seria um iniciado no culto deste deus (cf. *Apologia*, 55. 8).

secretamente.<sup>7</sup> Cárite não terá ido tão longe com aquilo que seria o seu único *solacium*.

Trasilo não esperou pelo fim do luto para lhe fazer propostas de casamento. Cárite, alertada em sonhos pelo marido, toma conhecimento do crime e decide castigar o assassino. Vai adiando com astúcia os intentos de Trasilo, de modo a reavivar nele a esperança de uma cedência futura. Tal atitude faz com que ele redobre as suas investidas. Por fim, Cárite, fingindo-se rendida, promete-lhe entrevistas secretas até que se complete um ano de luto e ordena-lhe que venha sozinho e secretamente na primeira vigília da noite.

*Placuit Thrasylo scaena feralium nuptiarum* (8. 11)

Agradou a Trasilo o aparato cénico destas núpcias funestas.

Quando ele chegou, a velha ama, fingindo que a senhora estava atrasada, foi-lhe servindo vinho com um soporífero que facilmente o sepultou no sono (*facile sepeliuit ad somnum* 8. 11).

É então que Cárite aparece, para anunciar uma vingança atroz:

*Lumen certe non uidebis, manu comitis indigebis, Chariten non tenebis, nuptias non frueris, nec mortis quiete recreaberis nec uitae uoluptate laetaberis, sed incertum simulacrum errabis inter Orcum et solem (...) At ego sepulcrum mei Tlepolemi tuo luminum cruore libabo et sanctis manibus eius istis oculis parentabo. (...) Vltrices habebis pronubas et orbitatem comitem et perpetuae conscientiae stimulum* (8. 12).

A luz não a verás, terás necessidade do braço de um companheiro, Cárite (a graça) não a possuirás, as núpcias não as gozarás, com o descanso da morte não te reconfortarás, nem com o prazer de viver te alegrarás, mas, como sombra vacilante, hás-de errar entre o Orco e o sol.(...) Farei uma libação com o sangue dos teus olhos sobre o túmulo do meu querido Tlepólemo e imolarei a tua vista em honra dos seus santos Manes. (...) Terás as Fúrias como madrinhas de casamento, a cegueira por companhia e um eterno aguilhão na consciência...

Acto contínuo, tira um gancho do cabelo, trespassa os olhos de Trasilo<sup>8</sup>, que acorda com a dor, desembainha a espada de Tlepólemo, corre

<sup>7</sup> Cf. id. 358-359.

<sup>8</sup> Trasilo não é digno de ver a luz, representa, como se vê pelo texto transcrito, uma versão antagónica das graças obtidas com a iniciação no culto de Isis: cf. M. G. PALMA GRANWEHR, op. cit. 113.

pela cidade como uma Fúria e dirige-se ao sepulcro do marido. Depois de explicar a razão do seu procedimento aos criados e a todo o povo que a seguia em lágrimas, crava a espada sob o seio direito, exala a sua alma varonil (*anima uirilis* 8. 13) para baixar ao encontro do marido. Feitas as abluções, os amigos de Cáríte restituem a Tlepólemo aquela que será a sua *perpetua coniux*.<sup>9</sup>

Trasilo, ao tomar conhecimento da desgraça, a si próprio se castiga, encerrando-se no túmulo como vítima voluntária (*ultronea uictima*) para os Manes.

## ÊXODO

### A morte como esperança de vida (a Graça do livro 11)

Completo-se o ciclo: o romance começou em desgraça, passou por uma situação de promissora felicidade, para terminar em catástrofe. Afinal o sonho premonitório de Cáríte, no qual via o marido ser morto por um salteador (4. 27), veio a cumprir-se com as devidas cambiantes; a teoria da velha acerca dos sonhos foi infirmada; a Fortuna cega, que pairava como um destino trágico, venceu. Cáríte, a graça, não encontrou senão desgraça. Os dias felizes foram fugazes, destruídos por uma paixão funesta. Esta mulher de espírito viril que, como Ulisses com o Ciclope e como Tlepólemo com os ladrões, embriagou e cegou Trasilo,<sup>10</sup> caiu, vítima dos laços da Fortuna cega. O conto de Amor e Psique e a entrada triunfal de Cáríte na sua terra em cima de um burro, como Ísis, não foi um bom presságio.

Cáríte, que na fidelidade representa outra Plotina, não teve a sorte desta, tombou, vítima da sua própria fidelidade, sobre o túmulo do marido. De resto, sem Tlepólemo, ela já não era Cáríte. A sua identidade, que recuperou quando se encontrou com o noivo na caverna dos ladrões, deixou de existir quando o perdeu.

O relato do servo mensageiro mostra como a felicidade é algo de ilusório: muitos a procuram merecidamente e só encontram desgraças, enquanto outros, cuja conduta pareceria anunciar um triste fim, vivem em prosperidade.

---

<sup>9</sup> Cáríte tem assim um fim semelhante ao de Psique, pois também esta se tornou *perpetua coniux* de Amor: cf. M. G. PALMA GRANWEHR, op. cit. 111.

<sup>10</sup> Cf. FRANGOULIDIS, op. cit. 391.

Restará ainda alguma esperança para os homens?

O romance de Cárite é apenas um pequena parte do grande romance de Apuleio, o *Asinus aureus*. De certa forma, Cárite representa Ísis; Tlepólemo, Osíris, e Trasilo, Set.<sup>11</sup> Cárite aparece transfigurada e assumida na figura de Ísis, princípio feminino universal, a emergir do mar (11. 4), não já com uma espada, mas com um sistro de bronze. As virtudes de Tlepólemo ressuscitam com o novo Lúcio, que venceu Set por amor e graça de Ísis.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> Cf. HUMANS Jr, "Charite worships Tlepolemus-Liber", *op. cit.* 356.

<sup>12</sup> M. G. PALMA GRANWEHR, *op. cit.* 77: "We can presume that Lucius's salvation through the initiation into the religion of Isis and his total commitment to her service is the equivalent of the afterdeath reunification of Charite to Tlepolemus and of Psyche to Cupid. In fact, the story of Charite and Telepolemus has been interpreted as the myth of Isis and Osiris told a concealed manner so as not to compromise its secrecy every time it was shared with irreligious people."